

II Jornada de Estudos Mitopoéticos
II Convenção dos Anéis
**I Encontro Internacional
de Estudos Mitopoéticos**
FFLCH · Universidade de São Paulo
25, 26 e 27 de julho de 2024

O SENHOR DOS ANÉIS: 70 anos de *A Sociedade do Anel*

Caderno de Resumos e Programação



I Encontro Internacional de Estudos Mitopoéticos
II Jornada de Estudos Mitopoéticos
O Senhor dos Anéis: 70 anos de A Sociedade do Anel

Grupo de Estudos Mitopoéticos (GEM)

subordinado ao Grupo de Pesquisa em Produções
Literárias e Culturais para Crianças e Jovens III (CNPq/USP)

Coordenação

Profa. Dra. Maria Zilda da Cunha

Organização

Cristina Casagrande
Eduardo Boheme
Fernanda Correia
Giovanna Chinellato
Guilherme Mazzafera

Realização

CELP/FFLCH-USP

O Grupo de Estudos Mitopoéticos (GEM), linha subordinada ao Grupo de Pesquisa em Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens III (CNPq/USP), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP), liderado pela Profa. Dra. Maria Zilda da Cunha, realizará sua segunda Jornada de Estudos Mitopoéticos entre os dias 25 e 27 de julho de 2024 na Universidade de São Paulo.

Esta jornada, junto com a II Convenção dos Anéis, será parte de um evento maior, o I Encontro Internacional de Estudos Mitopoéticos, que celebra os 70 anos da publicação de *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel*, de J.R.R. Tolkien.

Este é o Caderno oficial da II Jornada de Estudos Mitopoéticos. Aqui você encontrará informações sobre as palestras, mesas, minicursos e comunicações. Além disso, incluímos um cronograma geral de atividades e a lista de expositores da II Convenção dos Anéis para você se programar com antecedência. Para mais informações sobre a Convenção, confira o site e siga o instagram do evento.

Datas: 25, 26 e 27 de julho de 2024.

Local: Universidade de São Paulo, prédio de Letras, FFLCH. A entrada principal será pela Biblioteca Florestan Fernandes (Tv. Doze, 350, Butantã, São Paulo, 05508-000). Para informações sobre como chegar, acesse [nosso site](#).

A palestra de Eduardo Segura (25/07 às 14h) será transmitida na sala 102 e poderá ser acompanhada presencialmente pelo público em geral. As comunicações on-line serão realizadas pela plataforma GoogleMeet e apenas os inscritos poderão acompanhar remotamente. Essas comunicações *não* serão transmitidas para o público em geral, mas ficarão disponíveis posteriormente no canal do Youtube da FFLCH.

mitopoetica.com.br •  [mitopoetica](https://www.instagram.com/mitopoetica)

convencaodosaneis.com.br •  [convencaodosaneis](https://www.instagram.com/convencaodosaneis)

Sumário

clique nos links

II Jornada de Estudos Mitopoéticos

25 de julho 26 de julho 27 de julho

II Convenção dos Anéis

Atividades e horários Estandes

Resumos das Comunicações da II Jornada de Estudos Mitopoéticos

- Augusto Melchior Tavares** O poder de um coração invisível: a moral em *Lugar Nenhum*, de Neil Gaiman
- Bernardo L. F. de Oliveira** O Ainulindalë como início da jornada do legendário de J.R.R. Tolkien
- Bruno Matangrano** A descoberta da magia na fantasia urbana juvenil brasileira contemporânea: paródia, ecologia e representatividade em Felipe Castilho e Jim Anotsu
- Cássio Dalpiaz** De Jerusalém celeste a Gondolin: hermenêutica da aplicabilidade tolkieniana como contemplação das realidades celestes
- Cláudio Moura** Um Capítulo reescrito para tudo acomodar e um Prólogo para a mudança explicar: soluções narrativas para questões editoriais em *A Sociedade do Anel* (1954)
- Dayse O. Barbosa** Iniciando a Jornada com Sherazade
- Diego Klautau** O Começo de Feéria
- Dircilene Gonçalves** A Pseudotradução como princípio criativo de *O Senhor dos Anéis*
- Eduardo L.A. Rodrigues** Da descida aos Infernos de Ulisses na *Odisseia* às provações dos heróis épicos contemporâneos
- Elane Costa e Silva** A Jornada de Eustáquio em *A Viagem do Peregrino da Alvorada*
- Elton Medeiros** “Beowulf mito-historicus”: mitopoese e a jornada do leitor na construção narrativa do poema em inglês antigo
- Emanuelle Garcia Gomes** A Doutrina da Alegria Incondicional: o *motif* dos contos maravilhosos

- Érica Rodrigues Fontes** O protagonismo de personagens femininas nos contos de George MacDonald
- Erick Carvalho de Mello** O quão medieval é a Terra-média? Compreendendo o medievalismo a partir das obras de J.R.R. Tolkien
- Fabian Q. da Rocha** Aspectos de *Worldbuilding*: uma análise dos mundos secundários de J.R.R. Tolkien e Patrick Rothfuss e das jornadas de seus protagonistas
- Guilherme Amâncio** Demanda do Anel e martírio na Jornada do Herói de Frodo: morte e sacrifício na escolha de Frodo no Rompimento da Sociedade
- Guilherme Mazzafera** Um conto com pedaços de poesia no meio: lendo *O Senhor dos Anéis* como prosímetro
- Inês Cardoso Anacleto** Tolkien e a narrativa em abismo
- Juliana Rocha Dória & Mayra de Jesus Silva** A ecologia humanista em *A Sociedade do Anel*: uma análise do personagem Tom Bombadil
- Lígia Menna** Donzelas disfarçadas, suas jornadas e o feminino encoberto
- Monica Stefanelli** A jornada mítica do duplo em *O Senhor dos Anéis*
- Paulo César Ribeiro Filho** A jornada do herói improvável
- Pietro Dri Marchiori** Enlace tolkieniano e poética clássica: conjugação de arcos narrativos menores e maiores e o efeito aristotélico da admiração
- Renato Lima Leite** *What about second breakfast?* A comida e os hábitos alimentares dos hobbits em *O Senhor dos Anéis*
- Tais Leite de Moura** Uma epopeia prismática: a perspectiva diaspórica na reescrita de épicos hindus por escritoras indianas anglófonas
- Victor Hugo Alves** A busca do herói cultural por artefatos e animais mágicos: paralelos estruturais entre as tradições mitológicas da Finlândia e China
- Vinícius Veneziani** A chegada da Sociedade: editora Artenova apresenta *A Terra Mágica* e *O Povo do Anel* ao Brasil (1974–1975)

25 de julho, quinta-feira

todas as salas são do prédio de Letras, FFLCH-USP

08:00–08:40 **Palestra on-line**

A Time to Search: Temporal Narratives in Fantasy Literature

com **Sørina Higgins**

Mediação: Giovanna Chinellato

Comunicações on-line

Mediação: Giovanna Chinellato

08:40–09:00	Inês Anacleto	10:10–10:30	Víctor Hugo Alves
09:00–09:20	Bernardo Lepore	10:30–10:50	Érica Fontes
09:20–09:40	Fabian da Rocha	10:50–11:10	Eduardo Rodrigues
09:40–09:50	Perguntas	11:10–11:30	Perguntas
09:50–10:10	Elton Medeiros		

14:00–14:45 **Palestra on-line**

A palestra será transmitida na sala 102 com a presença dos mediadores e do público.

Tolkien y la reformulación de la imaginación romántica

com **Eduardo Segura**

Mediação: Cristina Casagrande e Diego Klautau

sala 102 Comunicações presenciais

Mediação: Lígia Menna e Paulo César Ribeiro Filho

15:00–15:20	Paulo C.R. Filho	17:10–17:30	Pietro Dri Marchiori
15:20–15:40	Lígia Menna	17:30–17:50	Cássio Dalpiaz
15:40–16:00	Diego Klautau	17:50–18:10	Bruno Matangrano
16:00–16:20	Elane Costa e Silva	18:10–18:30	Augusto Melchior Tavares
16:20–16:40	Emanuelle Gomes	18:30–18:50	Tais Leite de Moura
16:40–16:50	Perguntas	18:50–19:00	Perguntas
16:50–17:10	Dayse Barbosa		

[voltar ao início](#)

26 de julho, sexta-feira

todas as salas são do prédio de Letras, FFLCH-USP

- 09:00–11:00 **Mesa-redonda**
sala 102 **De fãs a tradutores: Lembranças, curiosidades e Balrogs**
com Rosana Rios e Reinaldo José Lopes
Mediação: Fernanda Correia
- 11:15–12:00 **Minicurso**
sala 107 **Oficina de Caligrafia Tolkieniana**
com Eduardo Boheme
- sala 107 **Comunicações presenciais**
Mediação: Eduardo Boheme e Guilherme Mazzafera
- 14:00–14:20 **Guilherme Mazzafera**
- 14:20–14:40 **Dircilene Fernandes Gonçalves**
- 14:40–15:00 **Cláudio Augusto Carvalho Moura**
- 15:00–15:20 **Erick Carvalho de Mello**
- 15:20–15:40 **Vinícius Veneziani**
- 15:40–16:00 **Renato Lima Leite**
- 16:00–16:20 **Guilherme Cundari de Oliveira Amâncio**
- 16:20–17:00 **Intervalo**
Durante o intervalo, haverá um bate-papo sobre a série *O Senhor dos Anéis: Os Anéis de Poder*, com mediação de Cristina Casagrande.
- 17:00–17:20 **Juliana R. Rocha Dória & Mayra de Jesus S. Silva**
- 17:20–17:40 **Monica Fernanda da Silva Stefanelli**
- 17:40–18:00 **Perguntas**

27 de julho, sábado

todas as salas são do prédio de Letras, FFLCH-USP

09:00–11:00 **Palestra**

sala 102 **O Conselho de Elrond: Destino e Arbítrio**

com **Ronald Kyrmse**

Mediação: Cristina Casagrande e Maria Zilda da Cunha

11:15–12:00 **Minicurso**

sala 107 **Oficina de Élfico**

com **Saulo Maia**

Mesas-temáticas

14:00–15:00 **TOLKIENISTA**

sala 102 *70 Anos de 'O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel'*

com **Cristina Casagrande** e **Fernanda Correia**

Mediação: Giovanna Chinellato

15:00–16:00 **TUMBA DO BALIN**

sala 107 *Cinco anos de combate à longa derrota*

com **Guilherme Torres** e **Guilherme Baessa**

Mediação: Fernanda Correia

16:00–17:00 **TOLKIEN TALK**

sala 102 *Os Anéis de Poder e o Fandom*

com **Cesar Machado** e **Felippe Barbosa**

Mediação: Erick Carvalho

17:00–18:00 **O BOLSEIRO**

sala 107 *A Cosmovisão de Tolkien*

com **Rafael Soares**, **Cássio Dalpiaz** e **Diego Klautau**

Mediação: Luana Rufino

Resumos das Comunicações

O poder de um coração invisível: a moral em *Lugar Nenhum*, de Neil Gaiman

Augusto Linézio de Lima Melchior Tavares · 25/07, 18:10 · [voltar ao cronograma](#)

Propõe-se uma análise do início da jornada de Richard Mayhew, protagonista da obra de fantasia *Lugar Nenhum* (1996), do britânico Neil Gaiman, tendo em vista os acontecimentos da narrativa que levam o personagem ao estado de invisibilidade que o introduz à realidade insólita da Londres de Baixo. Serão focalizadas as maneiras como a invisibilidade de Richard pode ser encarada no contexto da obra como metáfora para a marginalização de certos extratos da sociedade, pontuando-a como representativa das indiferenças entre classes sociais e como motivadora das novas perspectivas que se formarão na mente de Mayhew no decorrer de sua jornada, promovendo mudanças de perspectiva acerca da comunidade em que vive e perpetuando sua condição periférica na Londres de Cima. Para tanto, a análise do início da jornada de Richard Mayhew se baseará nas etapas da Jornada do Herói, apresentadas por Joseph Campbell, em *O Herói de Mil Faces* (1949), e mapeadas por Christopher Vogler, em *A Jornada do Escritor: Estruturas míticas para escritores* (2015); ademais, a fim de ponderar o papel da crítica social presente em *Lugar Nenhum* por meio da fantasia, também será utilizado o livro *Fantasy: The Literature of Subversion* (1981), de Rosemary Jackson.

O Ainulindalë como início da jornada do legendário de J.R.R. Tolkien

Bernardo Lepore Ferreira de Oliveira · 25/07, 09:00 · [voltar ao cronograma](#)

O Ainulindalë Tolkien não é apenas o texto que inicia *O Silmarillion*, uma das suas muitas obras póstumas, mas também o marco inicial de todo o legendário, do ponto de vista da cronologia interna da obra. O texto narra como um ser primordial deu origem a outros a partir de seu pensamento, antes mesmo que pudesse ser contado o tempo cronológico, ou a própria realidade material viesse a ser criada (e subcriada). A comunicação proposta aborda o Ainulindalë como início da jornada do legendário tolkieniano — enquanto cosmogonia e teogonia —, sendo a pedra fundamental da mitopoese do autor, a partir da qual surgem questões de reverberante importância, como a origem e natureza da criação, do mal, da vida, livre-arbítrio e destino. Visto que o autor deixou uma quantidade relevante de escritos a respeito da natureza da sua obra, teremos por paradigma seus próprios escritos acerca do tema, sobretudo em suas cartas, abordando também alguns tolkienistas, dando especial relevância ao conceito de “Subcriação”, e como é aplicável tanto à lógica interna do seu universo imaginado, quanto ao seu trabalho de artista-escritor, e eventuais paralelos da sua obra ficcional com a sua religiosidade.

A descoberta da magia na fantasia urbana juvenil brasileira contemporânea: paródia, ecologia e representatividade em Felipe Castilho e Jim Anotsu

Bruno Anselmi Matangrano · 25/07, 17:50 · [voltar ao cronograma](#)

A partir dos capítulos iniciais das fantasias urbanas *Rani e o Sino da Divisão* (2014), de Jim Anotsu, e *Ouro, fogo & megabytes* (2012), de Felipe Castilho, este trabalho pretende demonstrar como ambos diferem da estrutura tradicional de obras anglófonas correlatas, pois subvertem clichês e inserem elementos da cultura e tradição brasileiras na construção da jornada de seus respectivos heróis. Castilho apresenta os leitores a Anderson Coelho, um menino negro que se vê envolvido na luta contra uma grande corporação, ao lado de criaturas inspiradas no folclore brasileiro. Ao contrário dos protagonistas de romances como *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997), de J.K. Rowling, e *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* (2005), de Rick Riordan, Anderson não manifesta poderes especiais, não encarna a temática do “escolhido”. O livro traz uma importante mensagem ecologista, em sintonia com os mitos indígenas em que se inspira, permitindo uma abordagem ecocrítica. Já o romance de Anotsu parte do encontro de Rani — jovem negra que se descobre xamã — com um vampiro. Subvertendo estereótipos de narrativas onde um ser fantástico se apaixona por uma pessoa alheia ao mundo sobrenatural, *Rani e o Sino da Divisão* é um exemplo de narrativa de jornada da heroína e uma sátira à estrutura tradicional dos romances de fantasia urbana anglófonos e das ditas “romantiasias” para jovens adultos, como *Crepúsculo* (2005), de Stephenie Meyer, e *O Diário dos Vampiros: O despertar* (1991), de L.J. Smith. Castilho e Anotsu dialogam com as tradições nas quais se inserem e subvertem-nas, preocupando-se em torná-las coerentes com a cultura e o imaginário brasileiro e conscientes das discussões sociais de nosso tempo.

De Jerusalém Celeste a Gondolin: hermenêutica da aplicabilidade tolkieniana como contemplação das realidades celestes

Cássio Selaimen Dalpiaz · 25/07, 17:30 · [voltar ao cronograma](#)

Este estudo analisa a aplicabilidade alegórica entre as cidades de Jerusalém e Gondolin, destacando as influências religiosas e literárias na obra de J.R.R. Tolkien. Partindo da compreensão desta chave hermenêutica tolkieniana, investigamos a relação entre a descrição de Jerusalém em Apocalipse 21 e da cidade élfica Gondolin do universo de J.R.R. Tolkien, representada particularmente em *A Queda de Gondolin* (2018). Ambas as cidades partem de inspirações divinas e compartilham semelhanças, como segredos ocultos e a experiência de invasões e quedas devido à recusa em acolher enviados divinos. O conceito tolkieniano de “eucatástrofe” — o soerguimento após a catástrofe — desempenha papel crucial nessas narrativas, apontando para caminhos de esperança após os momentos sombrios. As conexões alegóricas possíveis entre Jerusalém e Gondolin evidenciam como a “subcriação” de Tolkien é profundamente inspirada em fontes teóricas, religiosas e artísticas. Esta

análise transcende as eras e culturas, revelando uma busca contínua por esperança em meio à adversidade, mostrando-se pertinente no contexto atual tantas vezes permeado de desilusões. Por isso, a imagem de Jerusalém Celeste, a nova cidade descida do Céu descrita no texto Joanino em resposta às catástrofes apolíticas, constitui-se um paradigma aplicável à narrativa que foi o início da escrita do autor do legendário que tem por *topos* a Terra-média.

Um Capítulo reescrito para tudo acomodar e um Prólogo para a mudança explicar: soluções narrativas para questões editoriais em *A Sociedade do Anel* (1954)

Cláudio Augusto Carvalho Moura · 26/07, 14:40 · [voltar ao cronograma](#)

A presente comunicação se propõe a discutir as implicações narrativas e editoriais do artifício diegético implementado por J.R.R Tolkien no prólogo de *A Sociedade do Anel* (1954) com o intuito de estabelecer uma coerência entre as tramas de *O Senhor dos Anéis* (1954–5) e *O Hobbit* (1937), a partir da modificação, a posteriori, do capítulo 5, “Adivinhas no Escuro”, do último, quando do lançamento de sua segunda edição em 1951. Partindo dos pressupostos de Genette (1979), pretende-se abordar o modo como o narrador tolkieniano faz uso de um recurso metadieético particular que potencializa a autorrefração já característica de sua escrita (Lopes, 2012), reforçando a consistência de seu exercício mitopeico a um nível que possibilitou alcançar o que Wolf (2012, 2019, 2020) convencionou como saturação e extrapolação. Concomitantemente, consoante Genette (2009) e Chartier (2014), dentro do espectro editorial, é válido arrazoar como tal expediente, à primeira vista literário, serviu a interesses pragmáticos de ordem exógena no que se refere à validação de uma alteração posterior sem a invalidação da edição primeira; ao contrário, conferindo-lhe um lugar especial dentro do legendário, seja a seu tempo, logo, limitado, seja após sua expansão nas décadas seguintes por Christopher Tolkien.

Iniciando a Jornada com Sherazade

Dayse Oliveira Barbosa · 25/07, 16:50 · [voltar ao cronograma](#)

Este trabalho propõe-se à análise estética do prólogo-moldura de *As mil e uma noites*, obra anônima que remete à dinastia sassânida no Oriente. Para a realização dessa análise será utilizada a tradução feita diretamente do árabe para o português pelo professor doutor Mamede Mustafá Jarouche. Entender a organização do prólogo-moldura de *As mil e uma noites* é essencial para apreender a estrutura geral da obra e, em especial, o percurso adotado por Sherazade, a famosa personagem contadora de histórias. Serão consideradas nessa análise as contribuições teóricas de Jorge Luís Borges (1936), Beth Brait (1985), Adélia Bezerra de Meneses (1987), Tzvetan Todorov (2006) e Martin Puchner (2017).

O Começo de Feéria

Diego Genu Klautau · 25/07, 15:40 · [voltar ao cronograma](#)

Esta comunicação trata da proposta de J.R.R. Tolkien sobre a produção de fantasia por meio da linguagem enquanto início da jornada para Feéria, a Terra das Fadas. No ensaio *Sobre Estórias de Fadas* (2020), o filólogo inglês desenvolve um conjunto de especulações que podem ser sistematizadas enquanto uma hermenêutica, em diálogo com a filosofia e a teologia, acerca da atividade de fabricação de mitos. No presente recorte da comunicação, investigamos como o termo magia é estabelecido em três sentidos: primeiro como Feéria em si mesma; segundo como a linguagem enquanto atividade mental que elabora o mundo; e em terceiro como arte ou técnica sobre coisas materiais ou sobre os sentimentos e pensamentos humanos, seja para o nobre encantamento ou para a mera dominação. A partir dos conceitos de Platão (goeteia), Aristóteles (têchnê), Agostinho (memória) e Tomás de Aquino (arte notória), é possível uma interpretação sobre a afirmação de Tolkien de que é na fantasia derivada dos poderes da mente humana da generalização, da abstração, da discriminação e da contemplação que uma nova forma é criada, dando origem às aventuras de Feéria. Tal jornada é perigosa, pois a magia da linguagem pode produzir ídolos impregnados do mal, assim como pode suscitar o desejo de dominação de coisas e vontades. Contudo, essa mesma peregrinação do Reino dos Elfos pode ser vivida como um encantamento que ajuda os que por lá caminham a contemplarem melhor o próprio mundo dos homens.

A Pseudotradução como princípio criativo de *O Senhor dos Anéis*

Dircilene Fernandes Gonçalves · 26/07, 14:20 · [voltar ao cronograma](#)

Nestes 70 anos passados desde a publicação de *A Sociedade do Anel*, boa parte das discussões sobre a construção da ficção de Tolkien se concentraram em sua fundamentação linguística, pois, como reiterado várias vezes pelo próprio autor, a obra foi escrita para dar um mundo às línguas inventadas por ele. De fato, esse universo linguístico imaginário que cabe tão perfeitamente dentro do possível não poderia ser senão fascinante. Dentro dessa miríade de fascínios à disposição de leitores e pesquisadores, esta comunicação iluminará um ponto desse trabalho linguístico que pode passar despercebido numa leitura despreziosa: a concepção da narrativa como tradução fictícia. Partindo de estudos da Pseudotradução dentro dos Estudos da Tradução, observamos que em *O Senhor dos Anéis* ela não é apenas uma técnica, mas um princípio criativo da narrativa que constitui uma moldura para a narração de todos os eventos. Desse modo, estabelece-se um processo de encadeamento de uma ficção dentro de outra ficção que é fundamental para a criação de uma obra no limiar da fantasia e da realidade.

Da descida aos Infernos de Ulisses na *Odisseia* às provações dos heróis épicos contemporâneos

Eduardo Lucas Alves Rodrigues · 25/07, 10:50 · [voltar ao cronograma](#)

Na literatura épica e trágica antiga vemos, entre diversos temas, a *katábasis*, um termo literário presente também na religião grega que significa “descida” e expressava a temática da jornada do herói ou do deus ao mundo dos infernos. Esta comunicação analisará a noção de *katábasis* e a provação do herói a partir de três distintas obras e personagens. Da antiguidade, veremos a descida de Ulisses aos infernos e sua volta para Ítaca na *Odisseia*. A partir daí, veremos na literatura contemporânea as provações e o retorno de dois heróis da literatura: Gandalf, em *A Sociedade do Anel*, no episódio de sua batalha contra o Balrog, e Paul Atreides em *Duna*, quando ele bebe a Água da Vida. Três provações, com panoramas e desafios diversos, mas que lidam com as noções estruturais chaves da literatura mítica: a provação, a morte, a recompensa, o retorno e, enfim, a ressurreição do herói.

A Jornada de Eustáquio em *A Viagem do Peregrino da Alvorada*

Elane Costa e Silva · 25/07, 16:00 · [voltar ao cronograma](#)

A comunicação descreve a jornada do personagem Eustáquio, em *A Viagem do Peregrino da Alvorada* (1952) de C.S. Lewis, e a possível explicação para a transformação de Eustáquio em dragão. Na metamorfose de menino a dragão há uma relação intertextual com a lenda de Fáfnir, da *Saga dos Volsungos*. Eustáquio, assim como Fáfnir, é descrito como egocêntrico e ganancioso, e Lewis o apresenta como um garoto que só pensa em aspectos práticos da vida, não gosta de livros de fantasia, sendo totalmente desprovido de conhecimento sobre o mundo imaginativo. Lewis nos induz a perceber que o personagem passa por todas as suas aflições pelas escolhas dos tipos de livros que leu. Como resultado da jornada, Eustáquio vê-se imerso no mundo imaginário ao se tornar dragão: foi imerso, banhado e aglutinado em tudo aquilo que ele negava e desvalorizava.

“Beowulf mito-historicus”: mitopoesia e a jornada do leitor na construção narrativa do poema em inglês antigo

Elton Oliveira Souza de Medeiros · 25/07, 09:50 · [voltar ao cronograma](#)

O poema *Beowulf* desafia a ideia de uma narrativa unívoca, apresentando-se como uma exploração vívida da experiência humana. Desde o início da jornada do herói homônimo até sua morte, cada momento deve ser considerado, sentido e compreendido de forma atenta. Surgem múltiplas versões, por vezes contraditórias, dos eventos descritos pelo narrador e personagens, revelando dissonâncias, contradições e dúvidas, levantando questionamentos sobre a ideia de verdade dentro da obra. A preocupação epistemológica permeia a narrativa, explorando os processos de aquisição e avaliação do conhecimento pelo leitor/ouvinte, bem como a

percepção mental dos eventos. *Beowulf* nos convida a refletir sobre a natureza do conhecimento e sua compreensão, desafiando-nos a explorar a complexidade da condição humana e as maneiras pelas quais interpretamos e atribuímos significado aos eventos do poema.

A Doutrina da Alegria Incondicional: o *motif* dos contos maravilhosos

Emanuelle Garcia Gomes • 25/07, 16:20 • [voltar ao cronograma](#)

Um dos postulados de G.K. Chesterton, a “Doutrina da Alegria Incondicional” na Terra das Fadas, mostra-nos que o maravilhoso é composto de histórias que demonstram uma condição: não há dádiva a ser recebida sem que haja renúncias. Essa condição estaria próxima ao que chamamos de “vida real”, pois o limite para alcançar uma glória está presente no cotidiano. Para expor o que essa doutrina representa, tomamos emprestada a imagem usada por Chesterton: o cristal cujo brilho é a expressão de que a felicidade é luminosa, uma característica notável, mas frágil, pois o cristal pode ser facilmente destruído. Em resumo, esse seria o deleite do homem: a felicidade depende não de fazer algo, mas de uma proibição ou condição cuja obediência é, muitas vezes, óbvia. Todas as coisas magníficas que podem acontecer na história dependem de algo pequeno que requer subordinação. Por exemplo: Cinderela pode ir ao baile, desde que retorne à meia-noite; a esposa de Barba Azul é proibida de entrar em um determinado quarto do castelo. Ou ainda, a condição dos hobbits em *O Senhor dos Anéis*: Tolkien vincula o protagonismo heroico e condensa o destino de vários povos a um povo simples, que nunca se envolveu em grandes feitos, mas crucial no alcance da glória final. Assim, o início de jornada dos contos de fadas contém o *motif* principal desse princípio chestertoniano. Portanto, trabalharemos tal debate em alguns contos conhecidos e em *O Senhor dos Anéis* como contraponto ao que propõem as histórias da cultura pop que muitas vezes priorizam o alcance de dádivas pelos personagens, com autossuficiência e o aditivo de resistência aos sacrifícios que lhes conferem.

O protagonismo das personagens femininas nos contos de George MacDonald

Érica Rodrigues Fontes • 25/07, 10:30 • [voltar ao cronograma](#)

Uma das grandes influências de J.R.R. Tolkien, o teólogo e escritor escocês George MacDonald escreveu poemas, sermões, ensaios religiosos, contos de fadas e romances. Em *Victorian Fairy Tales: the Revolt of the Fairies and Elves*, Jack Zipes defende que foi na fantasia que o autor escocês deu suas mais significativas e inovadoras contribuições (1987, p. 175). C.S. Lewis, na introdução a *Phantastes*, afirma que “O que ele [MacDonald] faz de melhor é a fantasia” (2020, p. 11). Os trabalhos realistas de MacDonald muitas vezes enfatizavam valores cristãos, mas sua fantasia constantemente flertava com outras ideias e filosofias, especialmente oriundas da Alemanha. Por isso, muitas de suas personagens femininas não têm a modéstia e a

coadjuvação comuns em outros textos da época. Sua visão mais abrangente (não tão religiosa ou institucionalizada) da mulher criou figuras femininas que apresentam sensualidade, inteligência e liderança concomitantemente. Nesta comunicação, para um exame das peculiaridades dessas figuras em seu protagonismo na fantasia, proponho um olhar mais profundo sobre dois de seus contos de fadas e suas protagonistas: “The Light Princess” e “The History of Photogen and Nycteris: A Day and Night Märchen.

O quão medieval é a Terra-média? Compreendendo o medievalismo a partir das obras de J.R.R. Tolkien

Erick Carvalho de Mello · 26/07, 15:00 · [voltar ao cronograma](#)

Muitos consideram J.R.R. Tolkien o “pai da fantasia medieval” moderna, em grande parte por conta de *O Senhor dos Anéis*. Seu legado para o imaginário medieval não pode ser considerado apenas pelos números de vendas de seus livros, mas também pelo impacto que seu legendário teve na formação de todo um gênero literário contemporâneo. Porém, ainda há leitores que ignoram Tolkien como o medievalista que era, conhecedor de línguas e mitologias antigas que moldaram sua imaginação sobre o medievo. Por isso, entendemos que o Tolkien medievalista deve ser resgatado por um estudo aprofundado, por meio de suas referências históricas e literárias. Esse debate, que ainda é feito mormente entre acadêmicos, pode ser desmembrado inicialmente em duas partes. Primeiro, em saber como o texto de Tolkien — tanto acadêmico quanto literário — foi formado a partir dos diálogos internos à academia inglesa de sua época. Segundo, em saber como o texto de Tolkien, lido no mundo inteiro, acabou moldando uma cultura de memória histórica tamanha que influenciou diretamente nossa visão de uma Idade Média, tanto para os que a utilizam com fins acadêmicos quanto para os leitores leigos que a consomem como visão fidedigna de uma medievalidade sonhada. O objetivo desta apresentação é compreender a partir da produção textual de J.R.R. Tolkien seus diferentes usos na História Medieval, responsáveis por formar diferentes camadas de medievalidade no imaginário global. Além disso, pretendemos analisar as representações literárias tolkienianas dentro de um quadro de Memória alinhado ao estudo do medievalismo que nos permita compreender as relações históricas e os diferentes regimes de historicidade existentes nos usos contemporâneos dessa medievalidade imaginada.

Aspectos de *Worldbuilding*: uma análise dos mundos secundários de J.R.R. Tolkien e Patrick Rothfuss e das jornadas de seus protagonistas

Fabian Quevedo da Rocha · 25/07, 09:20 · [voltar ao cronograma](#)

Este trabalho discute como a construção dos mundos secundários pode afetar a jornada dos protagonistas em obras de literatura de fantasia. Utiliza-se como objetos de análise os mundos ficcionais Terra-média e Temerant, criados

respectivamente por J.R.R. Tolkien e Patrick Rothfuss, para ambientar suas obras de fantasia *O Senhor dos Anéis* (1954–1955) e *A Crônica do Matador do Rei* (2007–2011). Partindo da teoria sobre *worldbuilding* do estudioso Ronald Kyrmse (2003) e do proeminente ensaio tolkieniano “Sobre Estórias de Fadas” acerca da literatura de fantasia, traça-se paralelos entre os mundos secundários de Tolkien e Rothfuss e discute-se pontos de convergência e divergência entre as jornadas de Frodo e Kvothe, protagonistas das obras desses autores. As semelhanças e diferenças encontradas são analisadas e propõe-se que ambas estão relacionadas, sobretudo, com o contexto de criação das obras e com a proposição de Terry Eagleton (2020), que afirma que toda a obra literária remete, ainda que de forma inconsciente, a outras obras. A análise do fazer literário de dois proeminentes escritores de fantasia contemporânea distantes cinco décadas um do outro permite observar como, ao passar do tempo e à medida que novos questionamentos e formas de ver o mundo surgem, a forma com que a literatura de fantasia se desenvolve também se modifica.

Demanda do Anel e martírio na Jornada do Herói de Frodo: morte e sacrifício na escolha de Frodo no Rompimento da Sociedade

Guilherme Cundari de Oliveira Amâncio · 26/07, 16:00 · [voltar ao cronograma](#)

Em *A Sociedade do Anel*, o desenvolvimento de Frodo em sua jornada do herói é marcado por dois momentos cruciais: o primeiro, no capítulo “O Conselho de Elrond”, em que ele assume voluntária e irrefletidamente a Demanda do Anel; e o segundo no capítulo “O Rompimento da Sociedade”, em que, agora refletidamente, ele toma a decisão de abandonar a Sociedade: nesse momento, ele se mostra mais consciente de tratar-se de uma demanda, e não de uma simples aventura, como a de Bilbo em *O Hobbit*. Considerando o tema da morte (um dos eixos principais do legendário [Carta 131]) sob seu aspecto sacrificial em uma demanda, a “escolha de Frodo” representa um de seus melhores e mais bem trabalhados exemplos. Este trabalho tem por objetivo estabelecer a relação de tal eixo temático, atualizado nesses dois momentos decisivos, com o conceito cristão do martírio. Como Tolkien era católico praticante, e como sua obra era declaradamente católica (Carta 142), essa relação de estudo é uma importante chave de leitura da narrativa de Frodo e da Demanda do Anel. Busca-se estabelecer uma relação direta entre a decisão de Frodo no rompimento da sociedade e a adesão ao martírio, conforme o livro *Ortodoxia*, de Chesterton, obra que, como atesta *Sobre Estórias de Fada*, foi lida por Tolkien. Ademais, buscar-se-á esclarecer os contornos mais importantes do martírio na jornada de Frodo à luz do pensamento católico. Para isso, será feita uma busca nas cartas e na biografia do autor para sabermos o que Tolkien pensava sobre esse tema e sua aplicação na obra, além de revisão da literatura pertinente. Para a delimitação do conceito de martírio cristão, serão consultados autores com contribuições doutrinárias de grande alcance, como Eusébio de Cesareia, Tertuliano, Orígenes, entre outros.

Um conto com pedaços de poesia no meio: lendo *O Senhor dos Anéis* como prosímetro

Guilherme Mazzafera · 26/07, 14:00 · [voltar ao cronograma](#)

Tomando os múltiplos poemas entretecidos em *O Senhor dos Anéis* como complemento estruturante à prosa que os circunda, esta comunicação propõe uma leitura do romance de J.R.R. Tolkien tendo por horizonte a forma literária do prosímetro, mescla de prosa e verso encontrável em múltiplas tradições, com destaque para a literatura europeia clássica e medieval e, de modo mais específico, nas sagas islandesas e nos prose romances de William Morris. Para além de discutir a especificidade do prosímetro tolkieniano, busca-se demonstrar como os poemas adquirem uma função majoritariamente performativa que, além de contribuir para a caracterização daqueles que os recitam ou escutam, permite vislumbrar artefatos culturais *in actu*.

Tolkien e a narrativa em abismo

Inês Cardoso Anacleto · 25/07, 08:40 · [voltar ao cronograma](#)

O legendário de Tolkien é resultado de milênios de História mantidos vivos pela tradição, escrita ou oral, de contação de histórias, criando lendas e mitos dentro da própria mitologia. O maior exemplo é o Livro Vermelho do Marco Ocidental, que reúne contos e lendas de Eras há muito passadas e que chegaram até nós através da tradução de J.R.R. Tolkien, ou assim ele costumava afirmar. Os relatos da Terceira Era, especialmente *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, foram escritos por Bilbo, Frodo e os outros Hobbits que viveram estes eventos na primeira pessoa e os registraram em uma narrativa hobbitocêntrica. Os registros de Eras anteriores foram também incluídos nos volumes do Livro Vermelho de forma mais breve, tendo chegado até os Hobbits por fontes orais e escritas. Aquilo que acabou por não ser registrado perdeu-se para sempre, não chegando até Tolkien para que ele traduzisse. Outros fatores que dão credibilidade ao legendário, como o fato de termos muitas versões de diversos contos, aproxima o Mundo Secundário do nosso Mundo Primário, uma vez que certas lendas e mitos são relatados por diversos povos e culturas de formas diferentes. Outro exemplo é o fato de Tolkien, certas vezes, afirmar “não saber” certos detalhes do legendário, como no caso de Tom Bombadil, que Tolkien indicou ser um enigma intencional. Nesta comunicação, demonstraremos como funciona a narrativa em abismo no legendário e como Tolkien desenvolveu sua mitologia tornando a Terra-média tão real quanto qualquer lugar no nosso mundo.

A ecologia humanista em *A Sociedade do Anel*: uma análise do personagem Tom Bombadil

Juliana Rocha Dória & Mayra de Jesus Silva · 26/07, 17:00 · [voltar ao cronograma](#)

O cuidado na descrição das florestas e a destruição da paisagem conforme Mordor se aproxima são elementos que evidenciam a relevância do meio ambiente no trabalho de Tolkien. Em *A Sociedade do Anel*, a indumentária de Tom Bombadil, os objetos que ele carrega nas mãos e no vestuário e suas canções demonstram sua íntima relação com o meio ambiente, físico e biótico. Contudo, a perspectiva humana é central para Tolkien, que busca sempre transmitir virtudes. Quando Tom ordena ao Velho Salgueiro que “Coma terra! Cave fundo! Beba água!”, lembra-o de sua natureza de salgueiro, não de predador. Em uma perspectiva humanista, é possível estabelecer um paralelo com os seres humanos, que tantas vezes precisam ser lembrados de sua natureza. A encíclica *Laudato si'* destaca que a ecologia integral exige a superação dos limites das ciências exatas ou da biologia e o contato “com a essência do ser humano”. Ao mesmo tempo que cada ecossistema possui valor intrínseco, não relacionado à possibilidade de gerar alimento ou riqueza aos seres humanos, estes possuem uma dignidade especial, “infinita”, como a chamou São João Paulo II.

Donzelas disfarçadas, suas jornadas e o feminino encoberto

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna · 25/07, 15:20 · [voltar ao cronograma](#)

Contemporaneamente, a cultura do estupro não se arrefece, os índices de feminicídio despontam e muitas pessoas ainda são desvalorizadas e alienadas de seus direitos simplesmente por serem mulheres. Por consequência, reflexões substanciais sobre a desigualdade de gêneros, a violência contra as mulheres e feminismo ainda se fazem necessárias, mesmo que tais temas já tenham sido tão abordados em diferentes áreas do conhecimento. Os estudos literários têm se debruçado sobre essa temática e não por acaso. Nos contos de fadas, por exemplo, encontramos personagens femininas que são vítimas eminentes de abuso e violência, sejam físicos ou morais, e que precisam se disfarçar e criar diferentes artimanhas para fugir de seu algoz. É o caso, por exemplo, de “Pele de Asno”, de Charles Perrault, e “O pássaro do bruxo Fichter”, dos Irmãos Grimm. E se o que está em jogo não é a fuga de um desejo enlouquecido, mas a busca da igualdade de gêneros e de sua própria sexualidade? É o que encontramos na história em quadrinhos *Pele de Homem* (2021), de Hupert e Zanzim. Em comum, essas narrativas trazem personagens que precisam de uma nova “pele” que camufle sua essência feminina, para que possam enfrentar o mundo masculino e vivenciar o que lhes é negado. A partir da perspectiva dos estudos comparados, esta comunicação se propõe a analisar, nas narrativas citadas, as jornadas das donzelas disfarçadas, considerando o feminino encoberto e as demandas do feminismo em nossa atualidade.

A jornada mítica do duplo em *O Senhor dos Anéis*

[Monica Fernanda da Silva Stefanelli](#) · 26/07, 17:20 · [voltar ao cronograma](#)

Esta comunicação analisa as jornadas e o mito do duplo em Gandalf e Saruman, personagens da obra *O Senhor dos Anéis*. Para tanto, tomaremos como base a teoria da jornada do herói de Joseph Campbell e autores que tratam do mito do duplo na literatura, como Otto Rank e Clément Rosset. Conclui-se que as personagens analisadas iniciam uma jornada com um único objetivo; entretanto o duplo é criado a partir da ambição de Saruman, criando duas jornadas entrelaçadas, resolvidas após um conflito entre Saruman e Gandalf, do qual Gandalf sai como vencedor. Gandalf então retorna a Valinor na etapa final da jornada do herói.

A jornada do herói improvável

[Paulo César Ribeiro Filho](#) · 25/07, 15:00 · [voltar ao cronograma](#)

A presente comunicação tem por objetivo discorrer sobre a definição de “herói improvável” tal como proposta por Semmelmann (2023) a partir da análise contrastiva das jornadas heroicas dos personagens Primoroso, protagonista do conto “A Bela dos Cabelos de Ouro”, de Madame d’Aulnoy, e Mestre Giles d’Aldeia, figura central da obra homônima de J.R.R. Tolkien. A partir da revisitação da estrutura proposta por Campbell (1986), pretende-se investigar de que modo se dá o percurso narratológico do tipo de herói que, “da perspectiva do leitor — e, podemos acrescentar, na própria estrutura da narrativa —, parece ser incapaz de realizar o desafio que lhe cabe — seja por imposição, acaso ou escolha” (Semmelmann, 2023, p. 246). Aproximando os gêneros conto de fadas e fantasia, objetiva-se delinear de que modo o elogio à virtude presente no discurso de ambos os escritores se configura como ferramenta de construção de um *ethos* ficcional peculiar, alternativo ao do herói clássico.

Enlace tolkieniano e poética clássica: conjugação de arcos narrativos menores e maiores e o efeito aristotélico da admiração

[Pietro Dri Marchiori](#) · 25/07, 17:10 · [voltar ao cronograma](#)

O trabalho tratará, enquanto objeto geral, da presença de princípios da poética clássica na obra de J.R.R. Tolkien, e, enquanto objeto específico, da maneira com que os enlances das narrativas do legendário são compostos em relação ao todo em que se inserem segundo tais princípios. O objeto geral se deve ao fato de a presença de princípios da poética clássica em Tolkien ser visível não só na exposição explícita do ensaio *Sobre Histórias de Fadas* como também na estrutura com que as narrativas tolkienianas são construídas, em que entra nosso objeto específico. Este vem como análise e exemplificação do geral, uma vez que a maneira com que Tolkien inicia narrativas específicas (tais como *O Senhor dos Anéis* e *O Hobbit*), encaixando seus arcos narrativos menores no arco maior do legendário, dá a ver tal conexão

com a poética clássica, como no começá-las *in medias res*, deixando de revelar eventos que precederam os narrados, ou ao se restringir à unidade de ação determinada pelo nexos causal dos eventos efetivamente narrados, entre outros princípios típicos da poética e poesia greco-romanas. Buscaremos caracterizar o enlace tolkieniano (ou seja, o início de narrativas de arco menor) e responder o problema de com que propósitos ou para que efeitos é assim construído. Nossa hipótese reside no prazer da admiração ou do maravilhoso, que consiste no prazer em impressionar-se ante algo a ser compreendido na narrativa, tratado por Aristóteles e pelo próprio Tolkien. Para isso, compararemos considerações de ambos quanto ao enlace de narrativas e ao efeito da admiração ou maravilhoso, analisando sua aplicação nos enlaces das narrativas de Tolkien.

What about second breakfast? A comida e os hábitos alimentares dos hobbits em *O Senhor dos Anéis*

Renato Lima Leite · 26/07, 15:40 · [voltar ao cronograma](#)

A comida é uma das principais esferas da prioridade humana frente ao desenvolvimento de uma sociedade e da constituição de um imaginário nacional. Tais preocupações históricas podem também ser observadas em obras literárias fantásticas como *O Senhor dos Anéis*. O autor, ainda que não se detenha em descrições detalhadas das refeições de suas personagens, apresenta ao leitor um panorama complexo de variedades alimentares, que vão desde a sociabilidade alimentar; o debate entre cru e o cozido; a valorização de refeições simples, porém fartas e esmeradas; além do cuidado do autor com as descrições das plantações sazonais e de um certo comércio alimentar entre os povos livres da Terra-média. O ápice de tal debate do campo do alimento na obra de Tolkien se dá no prólogo de seu livro, em que o filólogo explica os hábitos cotidianos dos hobbits, apresentando ao leitor um horizonte similar a uma fisiologia do gosto inglês contemporâneo. O presente trabalho pretende traçar um brevíssimo cenário da comida na Terra-média e em seus possíveis significados sociais e econômicos dentro da obra, tendo como base a alimentação dos hobbits frente aos outros povos livres.

Uma epopeia prismática: a perspectiva diaspórica na reescrita de épicos hindus por escritoras indianas anglófonas

Tais Leite de Moura · 25/07, 18:30 · [voltar ao cronograma](#)

A mitologia hindu está presente na sociedade e cultura indiana há milhares de anos, cercada de tradição, controvérsia e memória. O mesmo vale para suas reescritas, sejam traduções de idiomas ou mudanças em sua trama principal. Nesta comunicação, examino três romances indianos: de uma escritora diaspórica, uma nativa e uma *returnee*, e analiso a mitologia hindu presente neles. Relaciono o uso da mitologia e a reescrita de épicos ao movimento (ou falta dele) das autoras. A principal fonte para a mitologia serão versões dos épicos *Ramayana* e *Mahabharata*,

e os romances *The Palace of Illusions* (2008), de Chitra Banerjee Divakaruni, *Lanka's Princess* (2016) de Kavita Kané, e *The Missing Queen* (2013) por Samhita Arni. Uma das principais hipóteses da pesquisa considera a probabilidade de o épico adquirir características prismáticas através da dispersão (ou diáspora), resultando em um arco-íris de histórias. Este projeto está vinculado, através do Programa PrInt/CAPES, à Ambedkar University Delhi, sob a orientação de Vikram Thakur na Índia e Laura Izarra no Brasil.

A busca do herói cultural por artefatos e animais mágicos: paralelos estruturais entre as tradições mitológicas da Finlândia e da China

Victor Hugo Sampaio Alves · 25/07, 10:10 · [voltar ao cronograma](#)

A jornada do Herói está longe de ser tema inédito. Por conta do grande número de materiais vindos das mais diferentes tradições mitológicas, somado a um profundo interesse pela recorrência de estudos sobre o tema, a questão já foi abordada sob diferentes matizes e enfoques. Sublinhando o caráter psíquico do tema, autores extremamente conhecidos como Joseph Campbell, Carl Gustav Jung, Erich Neumann e Gilbert Durand com sua proposta psíquico-antropológica propuseram leituras sobre esse tipo de “monomito” como sendo produto cultural revelador de nossa vida interior, anímica, psíquica. Assim, temas como a batalha do herói cultural versus o dragão guardião de algum tesouro foram interpretados, por exemplo, como o embate entre ego e inconsciente, culminando na união entre a consciência e a parte criativa da alma. Independentemente do viés teórico-metodológico que se adote, há que se concordar que a força de atração exercida por esse mitologema é tamanha que qualquer um que se proponha a criar uma obra artística, seja plástica ou literária, bebendo da fonte dos mitos, estruturará de alguma forma os elementos centrais dessa jornada heroica; e, dentre eles, encontram-se a busca do herói cultural por artefatos mágicos que trarão benefício para a humanidade, ou a captura de um animal mágico para fins ritualísticos. Partindo das noções de arquétipo literário conforme propostas por Meletínski e a teoria do mito de Mircea Eliade, apresentaremos paralelos estruturais na jornada do herói em duas tradições: na fino-careliana, conforme consta no épico *Kalevala* e na tradição kalevalaica da oralidade, e nos épicos recitados pela minoria étnica Miao, da região da China. Nosso enfoque recairá em dois elementos do mitologema do herói: sua busca por um artefato mágico e a captura de um ser mitológico com propriedades mágicas.

A chegada da Sociedade: editora Artenova apresenta *A Terra Mágica* e *O Povo do Anel* ao Brasil (1974–1975)

Vinícius Veneziani · 26/07, 15:20 · [voltar ao cronograma](#)

O objetivo desta comunicação é pontuar a história da primeira edição brasileira de *A Sociedade do Anel*, de J.R.R. Tolkien, publicada separadamente em dois livros pela editora Artenova no Rio de Janeiro: *A Terra Mágica* (1974) e *O Povo do Anel* (1975). A

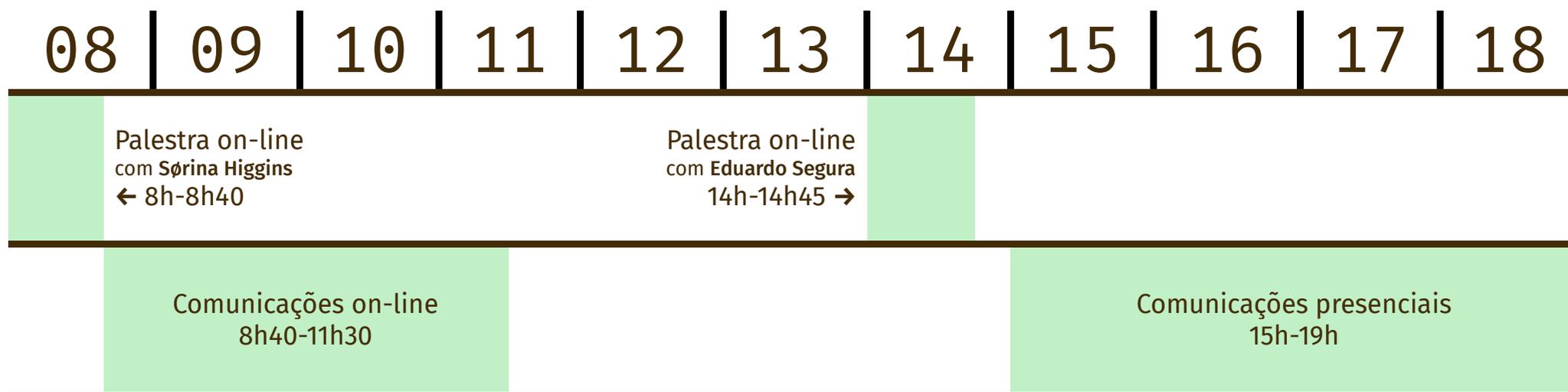
partir de métodos próprios da História do livro e da edição, seus elementos formais, textuais e conjunturais tornam-se o foco da análise, permitindo uma caracterização mais precisa da chegada de *A Sociedade do Anel* no mercado editorial e do panorama literário brasileiro da época. Graças a essa abordagem voltada essencialmente para os paratextos editoriais, é possível destacar agentes, estratégias e condições de produção e recepção das edições da Artenova, que não só ampliam o entendimento dos exemplares tal qual foram publicados, mas também questionam o estatuto obscuro há muito atribuído a esses livros, ressaltando seu caráter único no campo de publicações traduzidas da obra de Tolkien mundo afora e condizente com um período cultural, política e economicamente conturbado no Brasil.

Encontro Internacional de Estudos Mitopoéticos

II Jornada de Estudos Mitopoéticos · II Convenção dos Anéis

Cronogramas dos Eventos

Quinta-feira, 25 de julho



- Atividades da II Jornada de Estudos Mitopoéticos
- Atividades da II Convenção dos Anéis

Sexta-feira, 26 de julho



- Atividades da II Jornada de Estudos Mitopoéticos
- Atividades da II Convenção dos Anéis

Sábado, 27 de julho

09

10

11

12

13

14

15

16

17

18

Estandes de artistas, expositores e livreiros 10h-19h

Arquearia e Espadas 10h-19h

Palestra
com Alexandre Barros (*Terra Leste*)
14h-15h →

Contação de histórias
com Paula Dugaich
← 15h30-16h30

Concurso de Cosplay
16h30-17h30 →

Mesa de RPG 13h-17h

Quiz
← 11h-11h30

Mesa de RPG
15h-19h

Palestra
com Ronald Kyrmse
9h-11h

Minicurso
← 11h15-12h

Mesas-temáticas
14h-18h

■ Atividades da II Jornada de Estudos Mitopoéticos

■ Atividades da II Convenção dos Anéis

Estandes da II Convenção dos Anéis



O Condado
Crafts from Angband
Dano Mínimo
Deaníssima
O Dekinha
Dona Mamãe Ateliê
Hana Karnon
Inkspell
Papel Planejado
Pomar das Artes
Tenda Medieval
Terra Leste
Vairë / Deaníssima



HarperCollins Brasil
Martin Claret
O Bolseiro



Pizza com Carmelitas (foodtruck)
Vitinho Burguer BBQ (foodtruck)

[voltar ao início](#)